



MARIA MADALENA E PAULO: APÓSTOLOS DO RESSUSCITADO

MARY MAGDALENE AND PAUL: APOSTLES OF THE RESURRECTED

Rita Maria Gomes*

Resumo: O tema deste artigo é o apostolado instituído pelo Ressuscitado e tem por objetivo principal refletir sobre os dois exemplos desse tipo de apostolado: Maria de Magdala e Paulo de Tarso. A metodologia utilizada é a análise literária dos textos bíblicos, com suporte bibliográfico de dicionários e comentadores. O percurso seguido considera primeiro o critério excludente presente em At 1,21-22. Em seguida, o exemplo de Maria e, na sequência, o de Paulo. Por fim, pondera a relação entre essas duas personagens na Igreja. O resultado da análise revela um processo de apagamento da figura de Maria e uma “propaganda” lucana em favor de Paulo.

Palavras-chave: Novo Testamento. Maria de Magdala. Paulo de Tarso. Igreja primitiva. Apostolado feminino.

Abstract: The theme of this article is the apostolate established by the Resurrected One and its main objective is to reflect on the two examples of this type of apostolate: Mary of Magdala and Paul of Tarsus. The methodology used is the literary analysis of biblical texts with bibliographic support from dictionaries and commentators. The path followed first considers the exclusionary criterion present in Acts 1,21-22. Then, the example of Mary and, subsequently, that of Paul. Finally, consider the relationship between these two characters in the Church. The result of the analysis reveals a process of erasure of the figure of Mary and a Lucan “propaganda” in favor of Paul.

Keywords: New Testament. Mary of Magdala. Paul of Tarsus. Early church. Female apostolate.

INTRODUÇÃO

No Novo Testamento existem alguns textos importantes para conhecermos o ambiente onde nasce e se desenvolve a Igreja dos seguidores de Cristo. Um desses

* Doutora em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia e professora e pesquisadora na Universidade Católica de Pernambuco [UNICAP]. E-mail: rita.gomes@unicap.br



textos é At 1,15-26 no qual se relata a substituição de Judas Iscariotes. Nesse texto aparece o critério lucano para essa substituição: “É necessário, pois, que, dentre estes homens que nos acompanharam todo o tempo em que o Senhor viveu em nosso meio, a começar do batismo de João até o dia em que dentre nós foi arrebatado, um destes se torne conosco testemunha da sua ressurreição” (At 1,21-22)¹. Esse texto é a chave para a compreensão dos pilares da Igreja nascente, ou seja, o grupo dos Doze, também chamado o grupo dos apóstolos. Os Doze foram recebidos pela Igreja primitiva como o fundamento e, por isso, estão consignados nos evangelhos como o “povo de Deus” da nova aliança (cf. Mc 3,13-19 e //).

Segundo esse critério, só pode fazer parte do grupo dos Doze quem for homem e seguidor de Jesus desde o batismo de João até a ascensão para tornar-se testemunha da ressurreição. Com isso, ficariam de fora do grupo dos apóstolos Maria de Magdala e também Paulo de Tarso. Maria por seu gênero e Paulo por não fazer parte dos seguidores de Jesus até o momento de seu encontro com o Ressuscitado. Esse texto revela a tentativa de um determinado grupo de deixar de fora algumas pessoas.

Sabe-se por meios dos escritos de Paulo que sua condição de apóstolo foi questionada (cf. 1Cor 1,1; 9,1-2 etc). Pode-se perguntar: a quem interessava o critério excludente indicado acima? Que tipo de tensão ele revela? Ou ainda, houve outros grupos de seguidores de Jesus que também se reconheceram como apóstolos e não foram considerados oficialmente ao ponto de desaparecerem? E entre os que deixaram marcas, ainda que leves, que tipo de relação tiveram com o grupo oficial?

À primeira pergunta pode-se ensaiar uma resposta preliminar, pois é possível vislumbrar o grupo judaizante de Jerusalém. At 15,1-5 testemunha que esse grupo criou dificuldades para Paulo e Barnabé em razão de sua missão entre os gentios. No entanto, essa questão é um pouco mais complexa e necessita mais atenção do que é possível dar neste texto. Às demais perguntas espera-se encontrar respostas ao longo destas páginas.

OS EVANGELHOS SINÓPTICOS E A PRESENÇA DE MARIA DE MAGDALA

Pode-se perguntar o que fez Paulo crescer tanto ao ponto de ser um pilar da Igreja, juntamente com Pedro, e Maria ser relegada à condição de pecadora arrependida,

¹ **A BÍBLIA de Jerusalém.** São Paulo: Paulus, 2002, At 1,21-22, p. 1902.



muitas vezes identificada como prostituta². Mas, o que dizem os evangelhos sinóticos sobre ela ou o que calam? O que diz o evangelista João a respeito dessa mulher? O que diz Paulo e seus seguidores sobre os apóstolos e sobre Maria de Magdala? Para tentar responder a essas questões, segue-se o levantamento das referências a ela nos evangelhos.

Ao todo são onze atestações de Maria de Magdala (Μαρία ἡ Μαγδαληνή³) com alguma diferença na grafia pela função gramatical. Pois bem, em Marcos e Mateus, Maria de Magdala, juntamente com outras mulheres, estavam presentes na morte de Jesus e na constatação de sua ressurreição. Mateus segue de perto sua fonte, Marcos, mas faz algumas alterações pequenas e significativas.

Ao falar da presença das mulheres na crucificação de Jesus, ele informa que entre elas estava Maria Madalena e que essas mulheres o seguiam desde a Galileia e o serviam (Mt 27,55). Marcos apresenta o mesmo cenário, mas coloca o serviço e o seguimento a Jesus desde a Galileia e diz que algumas dessas mulheres o acompanharam a Jerusalém. Em Marcos, o papel de Maria Madalena já é um pouco mais difuso que em Mateus. Esse seguimento e serviço pode e é interpretado como diaconia, fazendo delas discípulas incontestes de Jesus⁴ Lucas não cita o nome de nenhuma mulher, apenas dá a informação de que “Todos os seus amigos, bem como as mulheres que o haviam acompanhado desde a Galileia, permaneciam à distância, observando essas coisas”⁵ (Lc 23,49).⁶ No entanto, a grande distinção entre Marcos e Mateus se dá mesmo no relato da constatação da ressurreição de Jesus, pois novamente em ambos os evangelhos Maria Madalena é citada, entretanto de forma bastante diferente. Vejamos:

² CAVALCANTI, Tereza Maria Pompeia. *Marcha das Madalenas e das Margaridas. Memórias bíblicas subversivas. In: SANTINON, Ivenise Terezinha Gonzaga; FURTADO, Maria Cristina S. (Org.). **Marcha das Madalenas**. Ponta Grossa: Atena, 2021, p. 15.*

³ Para todos os textos foi verificado a língua original, sendo utilizado as versões de NESTLE-ALAND. **Novum Testamentum Graece**. 27 ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1995 para o Novo Testamento e ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm. **Bíblia Hebraica**. Stuttgart: Deutsche Bibelstiftung, 1997 para o Antigo Testamento.

⁴ SCHOTTROFF, Luise; MOLTMANN-WENDEL, Elisabeth. Maria Madalena. In: GÖSSMANN, Elisabeth [et al.]. **Dicionário de teologia feminista**. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 283-287. p. 283.

⁵ BÍBLIA [...], 2002, Lc 23,49, p. 1832.

⁶ Até esse momento estamos fazendo o levantamento dos dados textuais. A interpretação sobre o serviço e o seguimento como características de um discipulado não estão em questão. O mesmo pode ser dito em relação à presença delas no túmulo. A questão principal aqui é ver como as narrativas foram apresentando essas mulheres e construindo o caminho “mais fácil” de interpretação dos leitores da época e que condiciona também muitas leituras atuais.



Em Mc 16,1-8, o texto indica Maria Madalena juntamente com outra Maria e Salomé e apenas nesse primeiro versículo elas são nomeadas. Até o final do texto serão indicadas apenas pelo pronome pessoal “elas”. Esse relato apresenta essas mulheres como muito piedosas e desejosas de ungir o corpo de Jesus, passando em silêncio o fato de que o evangelista já narrou a unção feita por uma mulher anônima na casa de Simão o leproso. Ao final, o texto termina de forma surpreendente porque o anjo passa o encargo às mulheres de anunciarem aos discípulos para irem à Galileia e lá encontrar o Senhor, mas elas fogem e nada dizem por medo (Mc 16,8).

A versão mateana deste trecho (Mt 28,1-10) é maior e mais detalhada e com bastante distinção em relação à sua fonte. A primeira diferença é a indicação das mulheres, pois Mateus atesta apenas a presença de duas delas: Maria Madalena e a outra Maria, omitindo Salomé. Mateus omite também a intenção de “ungir o corpo de Jesus”, elas apenas foram ver o túmulo. Omite o diálogo sobre quem poderia retirar a pedra do túmulo e já informa que houve um terremoto e que um anjo desceu do céu, removeu a pedra e sentou-se nela. Dali, ele se dirige às mulheres. Mateus insere a presença de guardas no túmulo, informação ausente no texto de Marcos.

Porém, há duas diferenças mais significativas: a primeira delas é o fato de que após o anjo passar para as mulheres o encargo de anunciar aos discípulos a ressurreição de Jesus e dizer-lhes para irem ao encontro dEle na Galileia, elas “com sentimentos de temor e alegria” (Mt 28,8) correm para dar a notícia aos discípulos; e a segunda é que antes mesmo de saírem para cumprir o mandato, o próprio Jesus vai ao encontro e diz a elas: Alegrai-vos! Nisso, elas se aproximam e abraçam seus pés. Enfim, no texto de Mateus, as primeiras testemunhas da ressurreição e quem primeiro encontram o Ressuscitado são Maria Madalena e a outra Maria.

O paralelo lucano desse texto não inicia pela indicação do nome das mulheres, apenas a referência a elas e seu desejo de “ungir o corpo” como em Marcos. O anjo aparece e dialoga com elas e informa sobre a ressurreição, mas não dá nenhum encargo de anúncio aos apóstolos, com isso o evangelista tira sutilmente o anúncio das mulheres, ou seja, o envio e, conseqüentemente, a condição de apóstolas. Elas, voltando do túmulo, anunciam a ressurreição aos Onze e aos outros (Lc 24,9), mas esse anúncio não tem a mesma autoridade porque não foram enviadas. Só depois disso, no v. 10, o evangelista informa que essas mulheres eram: Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago e outras mulheres que estavam com elas. Como se pode notar, os nomes das



mulheres não coincidem nos textos evangélicos, a exceção é o nome de Maria Madalena, presente em todos eles.

Essa lista lucana dos nomes das mulheres se liga a outro texto do evangelista que é importante para a discussão aqui: o sumário de Lc 8,1-3. Ali, aparecem os nomes de Maria chamada Madalena, Joana mulher de Cusa, Susana e a indicação genérica de muitas outras mulheres com a nota de que elas ajudavam a Jesus “com seus bens”⁷. Embora essa tradução seja questionada por alguns, o verbo grego ὑπάρχω (*hypágō*) tem ao menos dois sentidos básicos que é “ser/estar” e “pertencer”⁸. Aqui, a melhor tradução ainda é essa por manter algo da tradição judaica e coloca o exercício da diaconia na linha do shemah que inclui nas formas de amar a Deus “as posses”⁹. Nesse trecho, Lucas apresenta Maria Madalena como alguém de quem fora exorcizados sete demônios (v. 2). É preciso recordar que o exorcismo tal como aparece na Escritura tem uma ambiguidade de base, pois simboliza a libertação integral da pessoa, porém quando não está relacionado diretamente com uma cura de enfermidade ele é associado ao pecado¹⁰. A afirmação sobre a expulsão de sete demônios será retomada no final inautêntico de Marcos, em 16,9. Há praticamente um acordo verbal entre os dois testemunhos, mostrando a dependência clara do texto “marcano” em relação ao de Lucas.

[...] Μαρία τῆ Μαγδαληνῆ, ἀφ’ ἧς ἐκβεβλήκει **ἑπτὰ δαιμόνια**. (Mc 16,9)

[...] Μαρία ἡ καλουμένη Μαγδαληνή, ἀφ’ ἧς **δαιμόνια ἑπτὰ** ἐξεληλύθει, (Lc 8,2)

Com isso já podemos ensaiar uma primeira afirmação: a releitura negativa de Maria Madalena é fundamentada, sobretudo, no círculo lucano e, por derivação, aparece em outros textos evangélicos. Portanto, é na literatura da tradição lucana que devemos concentrar a atenção para entender esse processo de exclusão de algumas pessoas como apóstolos e apóstolas. Agora é hora de buscar a perspectiva joanina sobre essa figura feminina.

⁷ CAVALCANTI, 2021, p. 14.

⁸ LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene A. (Eds.). **Léxico Grego-Português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. p. 136-497.

⁹ FARIA, Jacir de Freitas. A releitura do Shemáh Israel nos evangelhos e Atos dos apóstolos. Petrópolis, **RIBLA**, n. 40, p. 52–65, 2001.

¹⁰ GOMES, Rita Maria. El carácter exorcista de Jesús y la práctica de exorcismos en grupos neopentecostales. **RIBET**, v. XV, n. 29, p. 11-34, jul./dic. 2019, p. 22, 23 e 28.



O TESTEMUNHO JOANINO SOBRE MARIA DE MAGDALA (JO 20,1-18)

Sobre o testemunho joanino a respeito de Maria Madalena, uma primeira coisa a considerar é a questão dos indícios literários para a demarcação dos limites da perícopes, ou seja, espaço, tempo, tema e agentes dentro da narrativa. Assim, esse trecho do texto de João não deve ser recortado nos versículos 1 a 10 porque se deixa de fora a afirmação principal sobre Maria Madalena como “apóstola dos apóstolos” decorrente do processo mesmo de revelação progressiva da ressurreição aos discípulos representados nesse texto por Pedro e João.

Aqui, o indício delimitador principal é a personagem agente, ou seja, Maria Madalena. O nome dela com a referência ao lugar de origem (Μαρία ἡ Μαγδαλήνη) aparece apenas nos versículos 1 e 18 formando uma grande inclusão a demonstrar que esse trecho constitui uma unidade menor da narrativa evangélica. Outro indício que reforça a delimitação é o espaço, pois a narrativa toda acontece no túmulo com apenas uma informação de saída ao encontro de Pedro e João e retorno ao túmulo. No final, o texto diz que ela foi ao encontro dos apóstolos. Essa saída do espaço narrativo do túmulo é indício delimitador do final da perícopes. Assim, a estrutura abaixo, ajuda a perceber o movimento do texto. É uma única narrativa em forma de dístico: no primeiro estão interagindo Maria Madalena e os discípulos Pedro e João; no segundo Maria e os anjos e, em seguida, Maria e Jesus.

- A 20,1 = **Maria a madalena** foi ao túmulo
- B 20,2-3 = Ela correu ao encontro de Pedro e o outro discípulo
- C 20,3 = Eles vieram ao *túmulo*
- B' 20,10 = Os discípulos voltaram para casa
- C' 20,11 = Maria fora do *túmulo* [...] chorava
- D 20,12-13 = *Maria* e os anjos
- E 20,14-17 = *Maria* e Jesus
- A' 20,18 – **Maria a madalena** foi anunciar aos discípulos

Pois bem, quanto ao texto mesmo, o primeiro versículo já revela uma diferença marcante em relação aos Sinópticos, pois cita apenas Maria Madalena sem a companhia de outras mulheres. A sequência não é tão diferente, pois ela constata o desaparecimento do corpo de Jesus e depois disso vai ao encontro de Pedro e João e lhes diz: “Retiraram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde o colocaram”¹¹ (Jo 20,2).

¹¹ BÍBLIA [...], 2002, Jo 20,2, p. 1892.



Eles correm ao túmulo e constatam que as coisas estão tal qual ela lhes havia falado. O texto nos diz que João chegou primeiro, inclinou-se e constatou que estava como ela disse, mas não entrou e que Pedro, chega depois, entra e faz a mesma constatação. Por fim, o texto arremata: “entrou também o outro discípulo que chegara primeiro ao sepulcro: viu e creu”¹² (Jo 20,8).

Mas, o texto guarda uma estranheza, pois diz que ele viu e creu para em seguida, afirmar que eles ainda não tinham compreendido a Escritura segundo a qual Ele devia ressuscitar dos mortos. Então, em que consiste o crer do segundo discípulo? Ao que parece, apenas que o Senhor não estava no túmulo; quanto a ter ressuscitado parece ainda necessitar de um tempo porque a sequência do texto informa que eles voltaram para casa.

Nos versículos de 11 a 18, temos a volta do texto à personagem principal dessa narrativa, Maria Madalena. E, com ela, o surpreendente do texto. Ele nos informa que Maria, ao contrário dos dois discípulos, ficou do lado de fora do túmulo, chorando. Entenda-se fazendo a sua lamentação. Ainda que o corpo não mais se encontrasse ali, aquele era o lugar onde por último havia estado o Senhor e Maria Madalena se aferra a esse lugar buscando estar com o Senhor.

O texto continua e diz que enquanto chorava ela se inclinou para olhar dentro do túmulo. Ao fazer isso, ela vê dois anjos localizados um à cabeceira e outro aos pés de onde antes estivera o corpo do Senhor. Os anjos perguntam: “mulher por que choras?” e ela responde: “porque levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram”¹³ (Jo 20,13). Aqui, entendemos que o seu choro não é apenas a lamentação pela morte do Senhor, e sim por não saber onde se encontra o seu corpo. A fala de Maria sobre não saber onde se encontra o corpo do Senhor se repete três vezes no texto (vv. 2.13.15).

Mais uma vez o texto surpreende o leitor, pois dá novo giro. O texto diz que ao responder aos anjos ela se volta para trás e vê Jesus de pé, contudo, sem saber que era Ele. E Jesus repete a mesma pergunta feita pelos anjos: “Mulher por que choras?” e acrescenta outra pergunta: “quem procuras?” A sequência do texto vai mostrando uma revelação por etapas e nos informa que ela pensou que Jesus era o jardineiro. Essa informação só tem sentido se recordamos que em Jo 19,41 o texto diz que o túmulo onde Jesus foi colocado ficava num jardim.

¹² BÍBLIA [...], 2002, Jo 20,8, p. 1892.

¹³ BÍBLIA [...], 2002, Jo 20,13, p. 1892.



A figura do jardim deve ser considerada, pois, ela é uma categoria espaço-teológica, ou seja, é mais que o simples espaço físico. Em Gn 2,8 o texto diz que o Senhor colocou o primeiro casal humano num jardim em Eden. No texto hebraico, o termo usado é *gan* [גן]¹⁴, mas a LXX traduziu esse termo por *parádeisos* [παράδεισος]¹⁵ como se viesse do aramaico *pardēs* (ܦܪܕܝܢ) que designava os parques dos reis persas, chegando ao grego com o sentido de jardim. João usa o termo *kēpos* [κήπος]¹⁶ que pode ser traduzido como jardim, guardando a ideia de pomar. Com isso, entende-se que o autor sagrado alude aqui ao jardim do Eden que se assemelha em sua descrição mais a ideia de pomar. O uso de *kēpos* pode ser um indício de que o evangelista tem como base o texto hebraico e não a versão grega da LXX do livro de Gênesis.

Toda essa consideração do jardim só tem sentido pela referência ao jardineiro. Maria Madalena fala com Jesus pensando que ele é o jardineiro e diz: “Senhor se foste tu que o levaste, dize-me onde o puseste, e eu o irei buscar”¹⁷ (Jo 20,15). A essa fala dela, Jesus a chama pelo nome “Maria” e a seu chamado ela reconhece o mestre e, por isso, exclama: “rabûni”.

Pois bem, a referência ao jardineiro, nesse trecho, faz com que o leitor entenda o jardim onde se encontra Jesus como aquele lugar teológico de encontro, de intimidade, de amizade com Deus. Maria Madalena encontra-se com Jesus, novo Adão, e por que não dizer o novo jardineiro, (*kepurós* = κηπουρός), responsável pela manutenção do jardim, do lugar da intimidade com Deus. Talvez a confusão de Maria ao considerá-lo o jardineiro seja apenas aparente ou no nível das personagens, mas como mensagem pode não ser um equívoco, pois a vincularia com Eva, a mulher dada como companheira de Adão. Essa leitura foi aceita por Moltmann-Wendel e Louise Schottroff ao escreverem que George Fox

[...] revalorizou Madalena mudando a tipologia Adão-Cristo-Eva-Maria, usual desde Irineu, para a tipologia Eva-Madalena, com isso reassumindo uma tradição medieval: ‘Foi uma mulher quem primeiro transgrediu, e assim também foi uma mulher quem primeiro anunciou a ressurreição da morte e do sepulcro’¹⁸.

¹⁴ VAN DEN BORN, Adrianus (Red.). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 753.

¹⁵ BALZ, Horst. παράδεισος, ου, ό In: SCHNEIDER, Gerhar; BALZ, Horst Robert. **Diccionario exegético del Nuevo Testamento II**. Salamanca: Sígueme, 1998, p. 719.

¹⁶ RUSCONI, Carlo. **Dicionário do grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003, p. 265.

¹⁷ BÍBLIA [...], 2002, Jo 20,15, p. 1893.

¹⁸ SCHOTTROFF; MOLTSMANN-WENDEL, 1996, p. 287.



Os últimos versículos desse trecho trazem a afirmação de Maria Madalena como apóstola dos apóstolos, ou seja, como enviada aos apóstolos para anunciar a ressurreição e a ascensão do mestre ao Pai: “Vai, porém, a meus irmãos e dize-lhes: Subo a meu Pai e vosso Pai; a meu Deus e vosso Deus”¹⁹ (Jo 20,17). O v. 18 traz a confirmação de que Maria Madalena cumpriu o mandato de Jesus e foi anunciar aos discípulos: “‘Vi o Senhor’, e as coisas que ele lhe disse”²⁰ (Jo 20,18).

PAULO DE TARSO: CONVERSÃO SEGUNDO AT 9,1-22 E SUA CONDIÇÃO DE APÓSTOLO

O primeiro relato da conversão de Paulo presente em Atos dos apóstolos²¹ tem seus limites bem determinados. O limite inicial é indicado principalmente pela mudança de personagens em relação à perícopie anterior que narra o encontro de Filipe com o eunuco. O limite final é menos claro, mas há um indício que justifica o fim da perícopie que é a mudança de tempo, pois o v. 23 atesta “passado algum tempo”, além da mudança de personagens, pois agora serão Saulo, os judeus e Barnabé.

O texto não tem uma estrutura tão clara, mas há uma repetição de alguns nomes próprios e substantivos que ajudam a perceber o movimento da narrativa. O texto se estrutura basicamente pela repetição dos nomes de Saulo, Senhor e Ananias, além do nome da cidade de Damasco onde se ambienta o relato. Acrescente-se a isso as contraposições no mesmo campo semântico: cai por terra – levanta-se do chão; luz – escuridão da cegueira; perseguir os adeptos do caminho – o Senhor lhe aparece no caminho etc.

- A 1-2: **Saulo** [...] ameaça de morte os discípulos do **Senhor** [...] **Damasco**
- B 3-4: *Ele* (Saulo) [...] *Damasco* [...] cercado por uma luz vinda do céu [...] cai por terra
- C 5-7: “*Quem es tu Senhor?*” [...] “*Eu sou Jesus a quem persegues*” [...] *a voz*
- B' 8-9: *Saulo* levanta-se do chão [...] *Damasco* [...] não vê, não come, não bebe
- D 10-11: *Ananias* [...] *Senhor* [...] *Saulo* (numa visão)
- E 12: O Senhor manda *Ananias* impor-lhe as mãos para recuperar a visão
- E' 13-14: [...] contestação de *Ananias*
- D' 15-16: Argumento do *Senhor* [...] *Ananias* [...] *Ele* (Saulo) instrumento escolhido para levar meu nome

¹⁹ BÍBLIA [...], 2002, Jo 20,17, p. 1893.

²⁰ BÍBLIA [...], 2002, Jo 20,18, p. 1893.

²¹ O livro de Atos atesta três relatos da conversão de Paulo, a saber, At 9,1-22; 22,5-16 e 26,9-18. Além da tradição lucana, o próprio Paulo faz referência a esse evento em Gl 1,12-17.



- F 17: Ananias [...] “Saulo meu irmão” [...] Senhor te apareceu no caminho
 G 18: Saulo [...] recupera a vista [...] levantou-se e foi batizado
 G' 19: alimentou-se e recuperou as forças [...] alguns dias com os discípulos em Damasco
 F' 20: pregando nas sinagogas que Jesus é o Filho de Deus

A' 21-22: **Saulo** [...] **Damasco** veio para prendê-los [...] demonstra que Jesus é o **Senhor**

O relato da conversão de Saulo, que só depois será chamado “Paulo”, tem três momentos específicos: a teofania no caminho e os personagens são Paulo e o Senhor; a visão na qual o Senhor chama Ananias e, claro, aqui os personagens são o Senhor e Ananias; e, por fim, o terceiro momento não está no nível do sobrenatural e tem-se Ananias cumprindo a ordem do Senhor indo ao encontro de Saulo na Rua Direita.

Aqui o que mais interessa é a afirmação do Senhor ressuscitado sobre Saulo “[...] este homem é para mim um instrumento de escol para levar o meu nome diante das nações pagãs, dos reis, e dos israelitas”²² (At 9,15). Com isso, temos já na literatura lucana uma “defesa” do apostolado de Paulo. Segundo esse texto, foi o próprio Ressuscitado que apareceu a ele e o escolheu como apóstolo²³ para gentios e israelitas. Nessa literatura, Paulo não precisará fazer a defesa de sua condição de apóstolo, o próprio autor neotestamentário já o faz.

Mas se no livro dos Atos ele tem o seu lugar de apóstolo do Ressuscitado, o mesmo não parece ocorrer em outros lugares, nem mesmo nas comunidades fundadas por ele. Quando se lê o início das cartas de Paulo se destaca a afirmação recorrente do que se encontra em At 9,15. Tudo indica que nos primórdios esse apostolado paulino não foi questionado, pois nas duas cartas aos Tessalonicenses²⁴ não há uma apresentação de Paulo advogando pelo chamado divino. Porém nas outras cartas, paulinas e deuteropaulinas, essa afirmação volta como um refrão.

Paulo, chamado a ser apóstolo do Cristo Jesus, por vontade de Deus (1Cor 1,1); Paulo, apóstolo de Jesus Cristo por vontade de Deus (2Cor 1,1); Paulo, apóstolo — não por iniciativa humana nem por intermédio de nenhum homem, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai, que o ressuscitou dos mortos (Gl 1,1); Paulo, apóstolo do Cristo Jesus pela vontade de Deus (Ef 1,1); Paulo, apóstolo do Cristo Jesus por vontade de Deus (Col 1,1); Paulo, apóstolo do Cristo Jesus por ordem de Deus, nosso Salvador, e do Cristo Jesus, nossa esperança (1Tm 1,1); Paulo, apóstolo do Cristo Jesus pela vontade de Deus, segundo a promessa da vida que há no Cristo Jesus (2Tm 1,1)

²² BÍBLIA [...], 2002, At 9,15, p. 1917.

²³ Assumimos a interpretação de “apóstolo” para Paulo nesse texto pelo sentido primário do termo que é o de “enviado” e ele é escolhido para ser enviado às nações pagãs.

²⁴ VOUGA, François. Cronologia paulina. In: MARGUERAT, Daniel (Org.). **Novo Testamento: história, escritura e teologia**. São Paulo: Loyola, 2009, p. 176.

E isso ainda não é tudo, pois a contestação mais marcante parece ter sido mesmo na comunidade de Corinto. Logo no início do capítulo 9 da Primeira Carta aos Coríntios, o próprio Paulo questiona: “Não sou, porventura, livre? Não sou apóstolo? Não vi Jesus, nosso Senhor? Não sois minha obra no Senhor? Ainda que para outros não seja apóstolo, para vós, ao menos, o sou: pois o selo do meu apostolado sois vós, no Senhor”²⁵ (1Cor 9,1-2).

Além disso, nos textos paulinos encontram-se vestígios de uma relação por vezes tensa entre Paulo e outros pregadores de Cristo. Em Gl 2,11-12 está o famoso texto do embate entre Paulo e Pedro em que Paulo censura uma “duplicidade” na conduta de Pedro. O texto diz:

Mas, quando Cefas veio a Antioquia, eu o enfrentei abertamente, porque ele se tornara digno de censura. Com efeito, antes de chegarem alguns vindos da parte de Tiago, ele comia com os gentios, mas, quando chegaram, ele se subtraía e andava retraído, com medo dos circuncisos (Gl 2,11-12)²⁶.

Esse é apenas um exemplo de que as relações não eram tão tranquilas entre os diversos grupos, embora, no texto anterior ao citado, o próprio Paulo diz que Tiago, Pedro e João, considerados as colunas da Igreja reconheceram seu ministério e de Barnabé entre os gentios. Já em relação à Maria Madalena, Paulo silencia completamente. Quando fala das diversas testemunhas da ressurreição não cita o nome dela, referindo-se apenas genericamente de algumas mulheres²⁷.

A EXALTAÇÃO DE PAULO E A DESQUALIFICAÇÃO DE MARIA DE MAGDALA

Esse é o momento de ensaiar uma sistematização de alguns aspectos que foram surgindo e de perguntas para as quais ainda não se tem respostas. A primeira questão a ser considerada é a do critério excludente, atestado apenas na tradição lucana, encontrado em At 1,15-26. Ora, sabe-se que no Livro de Atos há uma espécie de dístico quando se trata dos personagens mais destacados, Pedro e Paulo. A primeira parte do livro está centrada mais na Igreja de Jerusalém e arredores e tem como destaque Pedro; a segunda parte, após o chamado “concílio de Jerusalém”, Pedro sai de cena e até o

²⁵ BÍBLIA [...], 2002, 1Cor 9,1-2, p. 2003.

²⁶ BÍBLIA [...], 2002, Gl 2,11-12, p. 2033.

²⁷ BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. A mais querida amiga de Jesus. In: SANTINON, Ivenise Terezinha Gonzaga; FURTADO, Maria Cristina S. (Org.). **Marcha das Madalenas**. Ponta Grossa: Atena, 2021, p. 21.



final do livro o personagem responsável pela expansão da Igreja e pela evolução da narrativa é Paulo²⁸.

Pois bem, uma premissa básica para a compreensão da condição de apóstolo encontra-se na etimologia, pois o termo grego ἀπόστολος é um substantivo derivado do verbo ἀποστέλλω que significa enviar, mandar alguém ou algo²⁹. Assim, apóstolo é todo aquele que é enviado. É possível compreender em profundidade o significado desse termo nos evangelhos a partir de Mc 3,13-19, embora ali o termo não seja usado pelo evangelista. Ele não diz diretamente que os Doze são apóstolos, mas ele mostra a condição deles de apóstolos.

Nesse trecho do Evangelho segundo Marcos se encontra o relato da constituição dos Doze. Ali, o único critério para fazer parte desse grupo é a vontade de Jesus. De acordo com o texto, podem-se elencar três aspectos fundamentais: Primeiro esse grupo é algo que Jesus faz. O verbo ποιέω (*poiéō*) foi usado no chamado dos dois primeiros discípulos e novamente agora para falar dos Doze. Segundo, esse grupo que Jesus “faz”, deve estar com ele e, terceiro, deve ser enviado a pregar. Para isso, eles terão o poder (*eksousía* – ἐξουσία) de expulsar os demônios. Isso significa que esse grupo a partir de agora partilha da autoridade de Jesus porque ele assim o quis.

Com esse texto como transfundo, é possível compreender o critério excludente presente em Atos 1,25-26. Com isso, o autor de Atos, que narra três vezes a conversão de Paulo, o apresenta em paralelo com Pedro e Jesus e assim dá a autoridade apostólica de que Paulo necessitava, mesmo não correspondendo ao critério temporal para fazer parte do grupo dos Doze. Desse modo, estabelece-se outro critério para o apostolado: ser chamado pelo próprio Senhor ressuscitado.

Porém, nos relatos finais dos evangelhos há a promessa do Ressuscitado de que estaria sempre com os seus discípulos e os relatos dos encontros com o Senhor após a ressurreição são a atestação dessa presença contínua. Assim, aqueles chamados pelo Ressuscitado cumprem, de modo distinto, os critérios básicos do apostolado: ser chamado, estar com o Senhor e ser enviado.

Seguindo o critério de Paulo, ou seja, ser chamado e enviado pelo Ressuscitado, é preciso honestamente reconsiderar o papel de Maria de Magdala, a apóstola dos

²⁸ BOSSUYT, Philippe; RADERMAKERS, Jean. **Témoins de la parole de la grâce**: lecture des Actes des Apôtres. Bruxelles: Institut d'Etudes Théologiques, 1995, p. 10-11.

²⁹ BÜHNER, Jean-Adolf. Ἀποστολή, ἦς, ἡ. In: SCHNEIDER, Gerhar; BALZ, Horst Robert. **Diccionario exegetico del Nuevo Testamento I**. Salamanca: Sígueme, 1996, p. 427.



apóstolos, pois ambos são enviados após uma experiência com o Ressuscitado. Maria de Magdala era já discípula de Jesus, e Paulo de Tarso, perseguidor da Igreja nascente. Maria Madalena, mais que Paulo, correspondia aos critérios segundo o que estabelece Marcos para os Doze. Conforme os evangelhos sinópticos e João, ela sempre esteve com o Mestre, inclusive após a sua morte ficou junto ao túmulo até encontrá-lo depois da ressurreição. Ela foi enviada, até mesmo aos apóstolos.

Mas, o que ocorreu para que Paulo prevalecesse e se tornasse um pilar da Igreja com Pedro e Maria Madalena praticamente desaparecesse? A resposta oficial é que ela foi associada ao gnosticismo, banido quando a Igreja se torna religião oficial³⁰. Porém, isso realmente corresponde à realidade? Quem era a mulher que, mesmo sendo transformada em prostituta, permanece como aquela que primeiro viu o Senhor ressuscitado e foi a primeira enviada aos mais próximos de Jesus? Pela análise teológica do impacto na comunidade³¹, a primazia de Maria Madalena no encontro com o Ressuscitado é como o relato do batismo de Jesus, por mais escandaloso que possa parecer aos mais conservadores, não é possível esconder.

O caminho para o apagamento de Maria Madalena foi o ainda tão utilizado hodiernamente: o da desqualificação da pessoa. Esse processo começa ainda no período da escritura dos evangelhos. É Lucas o responsável pela informação de que Jesus expulsou sete demônios dela, além de dizer que ela provia as necessidades de Jesus, entenda-se com suas posses (Lc 8,2). A informação sobre a expulsão dos sete demônios vai ser inserida no final inautêntico de Marcos que depende de Lucas. Ele é o único que não cita Maria Madalena diretamente na crucificação e no sepultamento de Jesus³².

Em decorrência dessa afirmação lucana, alguns Padres da Igreja fizeram leituras ainda mais negativas a respeito de Maria Madalena. Um dos comentários mais significativos vem de Beda, o venerável. Ele diz:

Maria Magdalena é aquela mesma de quem disse no capítulo precedente, calando seu nome, que havia feito penitência. Com toda oportunidade o

³⁰ SCHOTTROFF; MOLTMANN-WENDEL, 1996, p. 285.

³¹ A exegese bíblica quando busca saber a probabilidade histórica de um texto considera o impacto do fato narrado na comunidade de fé. O fato de que Jesus, reconhecido como Filho de Deus e sem pecado, tenha sido batizado por João para o perdão dos pecados, era constrangedor e mesmo assim, a tradição o atesta. Daí a dedução de que esse fato seja histórico. Essa é a lógica usada aqui para considerar Maria Madalena como aquela que primeiro fez a experiência de encontro com o Ressuscitado.

³² McKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulus, 1983, p. 587.



evangelista lhe dá a conhecer com este nome, quando disse que seguia a Jesus Cristo. Mas, quando a descreve como pecadora (mas penitente), a chama somente mulher, para não envolver um nome de tanta fama com a memória dos extravios passados, de quem se disse haviam saído sete demônios, significando que havia tido todos os vícios³³.

Essa perspectiva negativa sobre Maria Madalena, vista como exemplo clássico de pecadora arrependida, é decorrente de sua identificação equivocada com a mulher pecadora de Lc 7,36-50. A mulher do relato do capítulo 7 não é identificada pelo nome e não há nada que a vincule à Maria Madalena. Também não há nada que sustente a identificação com a Maria, irmã de Lázaro e Marta (McKenzie, 1983, p. 587). Um exemplo dessa identificação pode ser encontrado na Homilia 25 de Gregório que diz:

Maria Magdalena, que na cidade tinha sido pecadora, lavou com lágrimas as manchas de seu crime, amando a verdade. E aqui se cumpriu a voz da verdade que disse: 'Perdoados foram seus muitos pecados, porque muito amou' (Lc 7); pois a que havia permanecido fria pecando, ardia depois em amor. E acrescenta depois, e é digno de considerar quanta era a força do amor que a inflamava, que ainda quando os discípulos do Senhor se retiravam do sepulcro, ela persistia³⁴.

A sequência dessa identificação levou a dedução de que a doença da primeira apóstola fosse o desregramento sexual³⁵. Essa compreensão levou à prostituição dessa mulher tão importante no grupo de Jesus. Segundo Bingemer, a mudança de um reconhecimento respeitoso dessa mulher para uma visão negativa se dá

[...] especialmente no século IV [...] Gregório de Nissa e Agostinho de Hipona vão defender que Maria foi a primeira a receber a graça da ressurreição de Jesus, porque a mulher foi a primeira a introduzir o pecado no mundo. Logo Maria é confundida com a pecadora que entra no banquete no relato em Lucas 7,36-50, tornando-se e imortalizando-se na piedade popular assim como uma prostituta. A lenda que denigre sua memória crescerá. Hierarcas, teólogos e artistas, todos homens, tornarão Madalena uma mulher lasciva e sensual, possuída pelos sete demônios ou pecados mortais³⁶.

Para Moltmann-Wendel, Agostinho contribuiu com a evolução da ideia da prostituta Madalena quando se viu “consolidado” com o fato de que a primeira mulher a ver o Ressuscitado tinha estado, como ele, presa pelos laços da sensualidade. E depois da difusão das chamadas homilias madalênicas, do papa Gregório I, essa imagem de

³³ CATENA Áurea. In: MEYERS, Rick. **e-Sword**. Version 13.0.0. 2021.

³⁴ CATENA, 2021.

³⁵ SCHOTTROFF; MOLTMANN-WENDEL, 1996, p. 285.

³⁶ BINGEMER, 2021, p. 23.



pecadora arrependida, ou seja, de prostituta se tornou a única imagem de Maria Madalena³⁷.

Contribuiu muito para essa visão negativa de Maria Madalena sua vinculação a grupos gnósticos. Esses grupos a respeitavam como a companheira que amava Jesus e como a mulher que conhecia o universo; eles a consideram em igualdade em relação aos discípulos. A corroborar essa ideia tem-se o escrito apócrifo “Evangelho segundo Maria”, um escrito gnóstico encontrado na biblioteca copta de Nag Hammadi, descoberto em 1945. Nesse texto, aparecem em diálogo com o Salvador³⁸, Maria Madalena, Pedro, um discípulo inominado, André e Levi que, ao final, repreende Pedro em razão de sua postura ciumenta em relação à Maria Madalena³⁹.

Um dos trechos mais comentados do escrito gnóstico é o que revela uma insegurança da parte dos discípulos de pregar o evangelho do reino do Filho do Homem e a resposta de Maria a essa postura. O texto está assim exposto:

9,5 Dito isso, ele se foi. Mas eles (os discípulos) estavam na aflição e derramaram muitas lágrimas, dizendo: Como poderemos ir aos pagãos e proclamar-lhes o Evangelho do Reino do Filho **10** do Homem? Se não o poupamos, como nos poupariam? Então **Maria** se levantou, os abraçou a todos e disse aos seus irmãos: Não choreis, **15** e não estejais na tristeza ou na dúvida; pois sua graça estará convosco, e vos protegerá. Louvemos antes a sua magnificência por nos ter **20** preparado. Ele nos fez homens! Com essas palavras, Maria converteu seus corações para o Bem e começaram a comentar as palavras do Salvador⁴⁰.

O outro trecho muito explorado do escrito gnóstico é a insatisfação de Pedro com o lugar proeminente de Maria Madalena junto ao Senhor. A postura de Pedro, que leva à repreensão por parte de Levi, ecoa o comportamento de Miriam e Arão em relação a Moisés em Nm 12,1-2. No Evangelho segundo Maria, Pedro diz:

O Salvador já foi perguntado (por nós) sobre assuntos semelhantes. Será possível que ele tenha falado **20** em segredo a uma mulher, em vez de falar abertamente para todos nós que teríamos ficado sentados ao redor dele a escutá-lo? Será que escolheu esta (mulher) de preferência a nós?⁴¹.

³⁷ SCHOTTROFF; MOLTMANN-WENDEL, 1996, p. 286.

³⁸ Existe um apócrifo chamado “Diálogos com o Salvador” no qual Maria Madalena também aparece como membra em igualdade com os discípulos. Sobre este texto cf. TILLESSE, Gaëtan Minette de. Extra-canônicos do Novo Testamento. **Revista Bíblica Brasileira**, v. 20, n. 1-2, 2003, p. 102-111.

³⁹ EVANGELHO segundo Maria. In: Extra-canônicos do Novo Testamento. **Revista Bíblica Brasileira**, v. 20, n. 1-2, 2003, p. 99-102.

⁴⁰ EVANGELHO segundo Maria, 2003, p. 100.

⁴¹ EVANGELHO segundo Maria, 2003, p. 102.



O texto se conclui com a repreensão de Levi a Pedro por sua impetuosidade e em defesa da Maria Madalena, pois o próprio Senhor a julgou digna e, por isso, amou-a mais que a eles. Natural que se conclua assim já que é um texto pró Maria Madalena. Mas, é um indício de que ela foi reconhecida por alguns como importante discípula e apóstola em igualdade com os Doze. Nesse sentido, é necessário recordar que a Igreja Oriental nunca assumiu uma imagem de Maria Madalena como prostituta. Ao contrário, “A Igreja Oriental não conhece essa imagem falsa e lendária de Madalena, prostituta e penitente. Ela sempre a reverenciou como seguidora fiel de Jesus e uma testemunha eminente do Senhor ressuscitado”⁴².

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de considerações finais, vê-se a necessidade de retomar alguns pontos indicados anteriormente. Um deles é o da tipologia Adão-Cristo-Eva-Maria e a proposta de alguns círculos dos reformados de pensar a tipologia Eva-Madalena. Talvez essa seja a tipologia mais adequada se se considera a dinâmica do texto bíblico e suas próprias releituras. Os personagens tipos Adão e Eva representam o primeiro casal criado e chamado ao convívio íntimo com Deus no jardim e é esse mesmo casal que transgredir a regra básica do convívio quebrando a relação harmoniosa.

É natural que a tipologia do “recomeço” seja Adão-Cristo (novo Adão) e Eva-Madalena como deixa a entender o Evangelho segundo João quando coloca juntos, no jardim, Maria Madalena e Jesus e indica que ela, ao ver Jesus ressuscitado, pensou que ele fosse o jardineiro, ou seja, o responsável pelo cuidado do jardim como o fora Adão no Éden (Gn 2,15).

A dificuldade para aceitar essa interpretação vem de uma visão equivocada de casal pensado como casal romântico, quando o texto bíblico trata o casal, sobretudo a relação de complementaridade entre o ser humano distinguido como homem e mulher. Essa perspectiva tira o pesado fardo que cai sobre os ombros das mulheres de um ideal inalcançável, Maria sempre virgem e mãe, ou a da pecadora, sedutora, prostituta.

É certo que, do ponto de vista exegético, as duas tipologias são possíveis porque ambas as mulheres neotestamentárias são chamadas “mulher” como fora Eva. Maria é chamada por Jesus γύναι (*ginai*) em Jo 2,4 e 19,26; Maria Madalena é chamada do

⁴² BINGEMER, 2021, p. 23.



mesmo modo em 20,13 pelos anjos e 20,15 por Jesus. Eva foi chamada γυνή (*giné*) em Gn 2,23 na versão da LXX que traduziu assim o termo hebraico נשא (*ishah*).

Outro ponto importante a ser retomado é o fato de que não existe, na Escritura, um único critério para ser apóstolo. E se é necessário pensar os critérios que aparecem no Novo Testamento, o melhor é o atestado no texto mais antigo, ou seja, o de Marcos: “subiu à montanha, e chamou a si os que ele queria”⁴³ (Mc 3,13). A partir deste critério, o chamado do Ressuscitado, que não é outro que o Crucificado, se estabelece como igualmente válido tanto para os Doze quanto para Maria Madalena e Paulo.

Por fim, após séculos de desqualificação de Maria Madalena, aos poucos a Igreja do Ocidente vai reconhecendo a importância e o papel de Maria de Magdala no processo de evangelização. A identificação de Maria Madalena como “apóstola dos apóstolos” volta a aparecer em documentos oficiais da Igreja, como é o caso da 3ª edição do Missal Romano⁴⁴. A edição anterior dizia quando fazia referência a ela a chamava de “testemunha” porque não reconhecia sua condição de enviada. Essa mudança vem com a iniciativa do Papa Francisco elevou à categoria de festa, a memória de Maria Madalena que se celebra no dia 22 de julho, o que reforça a importância dela no culto e na liturgia⁴⁵. Mas, para que ela realmente tenha o lugar que lhe é devido, faz-se necessária a retirada da “pecha” de prostituta que séculos de história reafirmaram. Pois, com a desqualificação de Maria Madalena e o modelo inalcançável da virgem-mãe, se retirou o alicerce que sustentaria a construção de um apostolado feminino, de um verdadeiro protagonismo feminino na Igreja.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BALZ, Horst. παράδεισος, ου, ό In: SCHNEIDER, Gerhar; BALZ, Horst Robert. **Diccionario exegetico del Nuevo Testamento II.** Salamanca: Sígueme, 1998.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. A mais querida amiga de Jesus. In: SANTINON, Ivenise Terezinha Gonzaga; FURTADO, Maria Cristina S. (Org.). **Marcha das Madalenas.** Ponta Grossa: Atena, 2021, p. 21-25.

⁴³ BÍBLIA [...], 2002, Mc 3,13, p. 1763.

⁴⁴ **INSTRUÇÃO Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário.** Brasília: CNBB, 2008.

⁴⁵ BINGEMER, 2021, p. 25.



BOSSUYT, Philippe; RADERMAKERS, Jean. **Témoins de la parole de la grâce**: lecture des Actes des Apôtres. Bruxelles: Institut d'Etudes Théologiques, 1995.

BÜHNER, Jean-Adolf. Ἀποστολή, ἦς, ἦ. In: SCHNEIDER, Gerhar; BALZ, Horst Robert. **Diccionario exegético del Nuevo Testamento I**. Salamanca: Sígueme, 1996, p. 427-438.

CATENA Áurea. In: MEYERS, Rick. *e-Sword*. Version 13.0.0. 2021.

CAVALCANTI, Tereza Maria Pompeia. Marcha das Madalenas e das Margaridas. Memórias bíblicas subversivas. In: SANTINON, Ivenise Terezinha Gonzaga;

FURTADO, Maria Cristina S. (Org.). **Marcha das Madalenas**. Ponta Grossa: Atena, 2021, p. 7-15.

DIÁLOGOS com o Salvador. In: TILLESSE, Minette de. Extra-canônicos do Novo Testamento. **Revista Bíblica Brasileira**, v. 20, n. 1-2, 2003, p. 102-111.

ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm. **Bíblia Hebraica**. Stuttgart: Deutsche Bibelstiftung, 1997.

EVANGELHO segundo Maria. In: Extra-canônicos do Novo Testamento. **Revista Bíblica Brasileira**, v. 20, n. 1-2, 2003, p. 99-102.

FARIA, Jacir de Freitas. A releitura do Shemáh Israel nos evangelhos e Atos dos apóstolos. Petrópolis, **RIBLA**, n. 40, 2001, p. 52–65.

INSTRUÇÃO Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário. Brasília: CNBB, 2008.

LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene A. (Eds.). **Léxico Grego-Português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

McKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulus, 1983.

NESTLE-ALAND. **Novum Testamentum Graece**. 27 ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1995.

GOMES, Rita Maria. El carácter exorcista de Jesús y la práctica de exorcismos en grupos neopentecostales. **RIBET** Vol. XV, n. 29, julio-diciembre, 2019, p 11-34.

RUSCONI, Carlo. **Dicionário do grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003.

SCHOTTROFF, Luise; MOLTMANN-WENDEL, Elisabeth. Maria Madalena. In: GÖSSMANN, Elisabeth [et al.]. **Dicionário de teologia feminista**. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 283-287.



VAN DEN BORN, Adrianus (Red.). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Petrópolis: Vozes, 1977.

VOUGA, François. Cronologia paulina. In: MARGUERAT, Daniel (Org.). **Novo Testamento**: história, escritura e teologia. São Paulo: Loyola, 2009, p. 171-180.

Recebido em: 30 dez. 2023.

Aceito em: 10 jun. 2024.